

## Luz, câmara, Atlântida. A chanchada vive

Sandra Aguiar



**Ankito: nunca soube o que é chanchada**

Foi antes do Cinema Novo e do sexo explícito invadir as telas cinematográficas. Foi depois que Mário Peixoto rodou o histórico *Limite*, sob influência do cinema francês, e da Cinédia lançar a fórmula da comédia musical no Brasil.

Mais precisamente, em 1941, ano em que Orson Welles com seu *Cidadão Kane* desafiava os rígidos esquemas dos estúdios, inovando a linguagem do cinema, num marco da história da sétima arte. Nascia então a Atlântida, que passou a concentrar no Rio a produção cinematográfica brasileira, realizando até 1962 grande número de chanchadas (musicais carnavalescos de sucesso).

Tinham se passado 41 anos desde que o Brasil assistiu à sua primeira sessão de cinema, e 14 anos apenas das primeiras tentativas de sonoriza-

ção do cinema nacional. A Atlântida faz parte dessa rica história, que como toda história, tem lá seus mocinhos e bandidos. Neste caso, é bom que se diga, mais heróis que vilões.

“Nós atores é que éramos os verdadeiros heróis”, diz Ankito, ou Anchizes Pinto, sobrinho do

palhaço Piolim, aquele que desenvolveu um estilo pioneiro — hoje copiado pelos Trapalhões — de dar ênfase ao humorismo físico, de trejeitos e acrobacias. Ankito que fez 56 filmes nessa época, a maioria dos quais pela Cinelândia, rival da Atlântida, e segundo os críticos ele manteve-se como um dos astros mais constantes da chanchada de 1961, já na época do declínio do gênero, também adotado pela Vera Cruz, alvo maior da ira dos críticos. A Vera Cruz era acusada, entre outras coisas, de funcionar como espécie de extensão do imperialismo do cinema norte-americano.

Ankito desmente que tenha trabalhado na Atlântida, como aliás divulgam os livros e manuais que se referem ao assunto. Sobre a chanchada ele hoje ironiza: “Até hoje não sei o que é isso, quem inventou este nome foi um louco...” E acrescenta dizendo que na época a chanchada sempre teve um sentido pejorativo. De fato, os críticos torceram o nariz para as chanchadas, taxadas de “espetáculos popularescos, de baixo nível, a serviço do escapismo”.

Houve, entretanto, quem discordasse da generalização. Jean-Claude Bernadet, ex-professor da UnB, ex-roteirista de cinema e um dos mais conceituados críticos de cinema do País, chegou mesmo a citar *Nem Sansão Nem Dalila* como um

dos melhores filmes políticos brasileiros. E quem assistiu *Quem Roubou meu Samba?*, estrelado por Ankito, sabe que o filme fazia a denúncia da violação dos direitos autorais de compositores populares. E *Virou Bagunça*, outra produção, era uma espécie de protesto contra a inflação de 1960 e o chamado “elefante branco”, referência que se fazia a Brasília, na época.

Aliás, o mesmo tema é explorado em *Samba em Brasília*, sob direção de Watson Macedo, que foi quem lançou Ankito em *É Fogo na Roupa*, de 1953. Um ano depois que Gene Kelly mostrou seus passos molhados em *Singin' in the Rain*. Ankito atualmente espera definição se vai trabalhar na TVE ou na TVS — recentemente fez um programa infanto-juvenil na TV-Rio, *Os 3 Birutas*. Nos

últimos anos, a propósito, tem se dedicado mais a teatro, com comédias, claro. Escreveu, dirigiu e atuou em *Tem Ó na Mulher*, depois fez *A Inflação Arroxá e o Povo Afrouxa* (sic) e por último, *Ela Nua, Ele Duro*. Ao relembrar os áureos tempos do cinema nacional — Walter Salles Jr. ainda não tinha tido a sua chance — Ankito diz que se existe cinema no Brasil é graças a Oscarito. “Eu vim 20 anos depois”. E lamenta o fato da Embrafilme ter liquidado com o nosso cinema. “O Cinema Novo acabou com o que de novo nós fizemos pelo cinema”. É bom ainda que se diga, que se na década de 40 a produção cinematográfica brasileira quase alcançou um total de cem filmes de longa-metragem, foi graças principalmente aos estúdios da Atlântida.

### EXPEDIENTE

MULHER é um suplemento semanal do CORREIO BRAZILIENSE que circula aos sábados.

Diretor de Redação: Luiz Adolfo Pinheiro

Editor-Chefe: Jota Alcides

Editora: Liana Sabo

Redação: Angélica Torres Lima (Subeditora), Elena Pinto Guedes, Márcia Assunes, Natal Eustáquio, Nise Quintas, Sandra Aguiar e Zuleika de Souza

Arte e Diagramação: Daniel Ferreira

Ilustração: Renato Palet

Colaboradores: Lourenço Fráguas e Maria Elisa da Silveira